

O signo do cordel

Ivon Alves de Araújo (FEUDUC)

Segundo Ivan Cavalcanti Proença o nome cordel já é evidenciado pela simplicidade e pelo cunho popular. O gênero é tipicamente volante com que se identifica sua errância. Outros aspectos colaboram com o nome: o local onde se vende os folhetos, o fato de se disporem enfiados em barbantes e onde são vendidos.

A enciclopédia Séc. XX define-o como histórias e narrativas em versos publicados em pequenos folhetos, expostos escanchados em cordéis, em barracas de feira. Sua origem é a impressão de antigos livrinhos vindos de Espanha e de Portugal, e que são convergências de motivos literários do Séc. XIII ao Séc. XVI. Os folhetos de Cordel foram considerados como a “Gazeta do Sertão”. A princípio contavam histórias de cangaço, de misticismo, de amor, bichos e profecias, acontecimentos hilariantes e assustadores.

Como meio de comunicação tem sido considerado porta-voz dos anseios populares. Isto é um fato, pois de outra maneira não se explicaria a grande aceitação e difusão por quase todo o território nacional.

Por fim, afirmamos que a Literatura de Cordel não é mais o “Jornal do Povo” nos moldes anteriores à década de 50. Ela se tomou nacional e internacionalmente conhecida nos meios eruditos.

Há ainda a teoria de que a origem desta literatura está diretamente determinada pela mecânica divulgativa, isto é, a proporção

que a história vai sendo divulgada, vai sendo assimilada de forma diferente e, a medida que vai sendo retransmitida, sofre inclusive degradação cultural e/ou adaptação a cada cultura. Neste caso, resume-se a questão no seguinte: 1.º) Existem aquelas histórias que são registradas em livro erudito e portanto o povo não tinha acesso. 2.º) Existiam também aqueles outros contos chamados popularíssimos que não figuravam em livros letrados. Podemos exemplificar com Gil Vicente: as soluções psicológicas que ele arma nos Autos são ditadas pela multidão. O Auto “Quem tem farelo” foi batizado pelo Zé-povinho, conforme o próprio escritor.

Assim a Literatura de Cordel deriva de histórias antigas diversas, animadas pelos motivos medievais e pela mitologia grega principalmente; motivos religiosos e outros. Podemos citar alguns nomes de histórias que muitos conhecem ou pelo menos ouviram falar, as quais existem na compilação cordelina: Imperatriz Porcina, Roberto do Diabo, Donzela Teodora, Carlos Magno e os Doze Pares de França, etc. *A história de Aladim e a Lâmpada Maravilhosa*, na voz de Patativa do Assaré, representa a arte folclórica e popular nordestina. Em versos escritos na língua como o povo fala, é obra da mais alta qualidade e profundamente brasileira. Além da história de *Aladim*, há outras conhecidas, como a de *Sherazade*, ou a de *Simbad*, o marujo. No caso de *Aladim*, a história foi passando de geração em geração, de um país para outro, até que no interior do nordeste brasileiro, encontrou a voz de Patativa do Assaré que abrasileirou-a, reescrevendo-a na, forma inconfundível do folheto nordestino.

Tais narrativas foram adaptadas noutra ficção da literatura tradicional. Vai se transformando e se adaptando. Portanto fica difícil uma classificação principalmente partindo das origens. Mas, assim como no caso dos Contos Populares e Tradicionais, podemos sugerir uma classificação para os cordéis. Antes seria bom acrescentar que esse tipo de poesia possui, quase que no geral e seguinte estrutura:

Verso: heptassílabo

Rima: perfeita, consoante, alternada

Estrofe: sextilha, sétima, décima e irregular

Alguns dos folhetos de cordel que conhecemos têm uma estrutura parecidíssima com a epopéia, apresentando principalmente: proposição, invocação e a narrativa; inclusive seu conteúdo temático é muito semelhante à epopéia – dar exemplo prático. Vamos então a uma tentativa de classificação:

1. *De exemplo*: uma conclusão moral. *Meia noite no Cabaret* (estrofe irregular), de José Bernardo da Silva.

“No cabaret agrupados
palestravam seis algozes
cheios de gestos ferozes
todos seis embriagados
o mocho pelos telhados
soltava o canto de dor
naquela noite de horror
de tristeza e solidão
oh! noite de maldição
hora de negro pavor”

ébrio, ladrão, jogador, assassino, prostituta
e trovador

E conclui assim:

“O trabalho é o salvador
dos maiores sofrimentos
acalma nossos tormentos
suaviza a nossa dor
o homem trabalhador
sempre vive sossegado
tem o lar abençoado
não passa necessidade
nem vive na crueldade
de andar desmoralizado.”

2. *Doutrinas*: os animais repetem erros humanos. É satíricos, na maioria das vezes. *A Intriga do cachorro com o gato*, J. Ferreira da Silva.

“A intriga é mãe da raiva
O mau pensamento é pai
Na casa da mau querência
O dismantelo não sai
Enquanto a intriga rende
A revolução não cai

.....

A gata mulher do gato
saiu do quarto e veio cá
dizendo muito zangada
você dois procede má
o gato disse mulhé
da porta do mei pra lá”

3. *Religiosos*: distinguem pela preferência ou interferência divina. Quando têm localização geográfica e são ligados a um santo, passam a ser lendas. *O homem que atirou na Virgem*, de João Ferreira de Lima.

“Implorei a Jesus Cristo
forçando a inspiração
para contar uma história
que faz cortar o coração
descrevendo o grande horror
de um homem que atirou
na Virgem da Conceição.

Em Rio Grande do Norte
morava este protestante
na fazenda Santa Rosa
chamado Pedro Amarante
zombava muito da cruz
criticava de Jesus
era um mostro ignorante.
Perto daquele local morava George Adrião
devido a uma promessa tinha uma devoção
feita com Deus soberano de festejar todo ano
a Virgem da Conceição.”

4. *Etimológico*: explica a origem dum aspecto. Conclui-se que o cachorro e o gato são inimigos, *A Intriga do cachorro com o gato*, de J. Ferreira da Silva.

“.....
Quando cachorro falava
gato falava também,
gato tinha uma bodega
como hoje os homens têm,
onde vendia cachaça
encostado ao armazém
.....
O gato se levantou
um pouco admirado
disse: comadre é verdade?
Ele me deve um cruzado,
eu não dei fé da mochila
por isso vendi fiado.
.....”

5. *Acumulativas*: os motivos são sucessivos, encadeados. Fases temáticas consecutivamente encadeadas. *Estórias de Antonio das sete vidas*, de Barboza Leite.

“Bateu, certa vez, Antonho
das Sete Vidas falado
num lugar muito esquisito
do sertão muito afastado...
as casas só tinham um lado
e as suas partes internas
eram feitas de cavernas
que uns homens tinham achado

passando a morar ali
com todas suas famílias
dormindo no chão de pedra
pois não havia mobília
os confortos da cidade
nunca ali apareciam
de sorte que eles viviam
na maior promiscuidade.

Não tinham pão nem asseio,
viviam na precisão
que se imagina qual é
onde mora a solidão;
em muitas locas só havia
lagartos, ratos e cobras
e outras feras de sobre
sua morada ali faziam.”

6. *De Natureza Denunciante*: aquele em que o ato criminoso é revelado inesperadamente. *Juvenal e o Dragão*, de José Bernardo da Silva.

“Quem lê esta história toda
do jeito que foi passada

verá que o falso é vil
nunca nos serviu de nada
a honra e a fidelidade
são sempre recompensadas

Morava um camponês
no subúrbio dum ducado
já faziam sete anos
que ele tinha enviuvado
só ficou com 2 filhinhos
no que mais tinha cuidado

O velho adoeceu muito
conhecendo que morria
um casebre e 3 carneiros
só era o que possuía
deu como herança aos filhos
e morreu no outro dia

Ficaram ambos sozinhos
uma moça e um rapaz
disse ela ao irmão:
a partilha você faz
fique lá com os carneiros
que no valor são iguais.”

A maioria dessas histórias é de origem portuguesa. As suas viagens levaram e trouxeram contos de todos os recantos do mundo.

É a literatura de cordel que contava e cantava histórias: de cangaço, de misticismo, de amor, de profecias e outras. Com isto é comum afirmar-se que esta literatura é repositório dos fatos antigos e atuais. Esse gênero popular vem apresentando, nas últimas três décadas, novos aspectos que merecem um estudo mais ousado. Não se pode falar de aculturação, ao contrário, há um encontro das culturas portuguesa, negra, indígena, dentre outras.

Esta atividade literária adquiriu características próprias no Nordeste brasileiro, provavelmente pelas condições da região, rica em manifestações culturais populares: os poetas populares dizem, em versos, suas mágoas, alegrias, esperanças e desesperos do dia-a-dia.

Reintroduzindo a denominação portuguesa, os estudiosos chamaram essa literatura popular em versos de literatura de cordel. Seus produtores e consumidores nordestinos chamam-na simplesmente de folhetos. O público apreciador dessa literatura é geralmente constituído pelas camadas humildes da população rural ou urbana. Há também leitores de classes mais elevadas que a admiram. E já foram comprovados casos de pessoas que aprenderam a ler e a escrever com os folhetos de cordel.

Como no nordeste do Brasil os folhetos, muitas vezes eram postos à venda pendurados em barbantes estendidos, as histórias que os folhetos contam chamam-se também literatura de cordel. Mas folhetos ou cordéis são apenas uma dentre as várias manifestações da literatura popular. Há muitas outras também e, na poesia de origem popular, quase sempre os versos são feitos de improviso, em voz alta, para uma platéia muito atenta e interessada no que o poeta vai dizendo. Muitas vezes acompanhada de viola, essa poesia antes de ser recolhida em livros já corria mundo na memória dos que ouviam o poeta dizer seus versos em feiras, em festas de igrejas, em varandas de fazenda, em pousos pelo interior, em comícios e em festas de rua.

Nos cordéis ou folhetos, é possível encontrar todo tipo de histórias antigas e histórias modernas, histórias engraçadas e histórias

trágicas, histórias verdadeiras e histórias imaginadas, conforme dissemos anteriormente. Neste ponto a alma do nordestino é precisamente o lugar de simbiose no qual o imaginário e real se confundem e se alimentam um do outro. É dentro desse quadro que se desenvolve o Signo do Cordel.

É sensacional um poeta nordestino apresentar - por exemplo, numa feira no interior da Paraíba, na praça de um bairro nordestino das grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, ou nos Centros de Cultura nordestina – uma história tradicional que vem do outro lado do mundo e contá-la mantendo elementos de sua origem, e com signos particularizados.

Os folhetos de cordel foram acompanhando as andanças dos seus autores, os migrantes nordestinos. Daí sua ampla área de divulgação: Amazonas, Rondônia, Brasília e em quase todo o Brasil. No Rio de Janeiro e em São Paulo, os poetas migrantes retomam suas origens: vão à feira de São Cristóvão (Rio) ou ao largo da concórdia (São Paulo), narrando fatos e feitos à maneira nordestina.

Segundo Edward Sapir “toda língua tem uma sede”. Isto significa dizer que as pessoas que se utilizam de determinada língua têm seu grupo que, por vários aspectos, se destaca de outros grupos. Significa também que a língua não existe isolada da cultura, do conjunto socialmente herdado.

Seria imprudente, portanto, senão escandaloso, desconsiderar o riquíssimo conteúdo da literatura de cordel e não colocar em discussão toda a estrutura do seu conteúdo lingüístico, explicando-nos

porque há certo preconceito e o porquê dessa marginalização. Ou então há, de forma transparente, de fato, um forte preconceito lingüístico ao lado dos preconceitos regional, social e racial.

Na pretensão de cartografar, no exemplo abaixo, notamos o caráter lingüístico e cultural da região nordeste:

Leitores vão seguir
na história que se vinha
Ver o valente Roberto
na casa da avozinha.
se dispondo pra viajar
em busca da princesinha

Muitas lutas braço a braço
ele já tinha vencido
entre índios e gigantes
e todos tinham perdido
por isto não tinha medo
de qualquer mal sucedido

(SILVA, Reino da Canan, 1951, p. 1)

Os termos grifados, além de corroborarem com a rima, têm seu conteúdo sêmico como determinante do modo de falar do nordestino. Constitui-se num “sema” da linguagem regional nordestina. Dentro desta tipicidade, tem funções de núcleo substantivo de um complemento nominal, além da forma avozinha por vovozinha, e na expressão mal sucedido, que pode significar grande perigo ou perigo iminente.

Há quem esteriotipiza, talvez por razões sociopolíticas, a literatura de cordel e procura classificá-la como pobre e de baixo nível

cultural. Há também aqueles que consideram-na apenas pelo caráter ficcional, desprezando, assim, o caráter estético.

O critério do caráter ficcional ou imaginário não satisfaz inteiramente o propósito de delimitar o campo da literatura no sentido restrito. A literatura de cordel possui caráter ficcional? Parece, portanto, impossível renunciar por inteiro a critérios de valorização. “Os critérios de valorização, principalmente estéticos, permite-nos considerar uma série de obras de caráter não-ficcional como obras-de-arte literárias e eliminar, de outro lado, muitas obras de ficção que não atingem certo nível estético.” (CÂNDIDO, 1974, p. 12).

É claro que Antonio Cândido não discrimina nossa literatura, pois ele valoriza ambos os critérios, estético e ficcional. Mas não ocorre com a maioria dos nossos críticos, que não dispõem a oportunidade de segregarem esta literatura popular, tão rica culturalmente e principalmente sob o ponto de vista semântico:

O Reino Barro Branco
é defronte uma colina
cortado por quatro rios
de água potável e fina
fica nos confins da Ásia
bem perto da palestina

No píncaro desta colina
o príncipe fez residência
onde a relva oferecia
o odor de sua essência
e a lua derramava
sem raios de refulgência

(SILVA, Reno do Vai não toma, 1956, p. 1)

Observamos que os signos “colina”, “rios”, “água”, “Ásia”, “Palestina”, “Colina”, “residência”, “relva” e “lua” expressam valores ilimitados que o artista projeta mimeticamente e com assombrosa coerência com as objectualidades dos versos. Aqui pode-se questionar a história das idéias.

Há sociólogos e psicólogos que optam pelo conceito de “deficiência lingüística”, atribuída às diferenças de caráter social, regional, profissional e grupal. O erro está no grande preconceito que existe na sociedade brasileira, existente independentemente da posição social do indivíduo. Este preconceito já faz parte da história da cultura brasileira. Entende-se aqui por cultura “O nível de desenvolvimento alcançado pela sociedade na instrução na ciência, na literatura, na arte, na filosofia, na moral...” (SODRÉ, 1974, p. 4).

Precisa-se ter em mente que a Literatura de Cordel tem raízes universais e abrange as mais diversas origens; seu conteúdo lingüístico poderia interessar a uma multidão de investigadores: lingüísticas, lógicos, filósofos, antropólogos, psicólogos e outros cientistas. Há de fato bibliotecas que abordam o problema das origens do conto popular, mas provocou um ciclo vicioso. Existe uma preocupação maior ou única preocupação em divulgá-los pura e simplesmente. Certa degradação da cultura e das variantes que o nacionalizam. Pergunta-se: por que não um estudo lingüístico ou sóciolingüístico? E um estudo semiótico? E um estudo literário?

Neste trabalho, pretendem-se focalizar, também, os elementos lingüísticos numa ótica semântico-pragmática, associando essa ques-

tão semiótica e pressupostos sociais, regionais, culturais e ideológicos. Essas possibilidades colocam este trabalho num certo grau de independência das várias outras abordagens. A linguagem utilizada pelos autênticos cordelistas nordestino, anterior aos anos 60, constitui de certa forma uma espécie particular de sistema de signos.

Charles W. Morris (1976) diz que “o pragmatista tende a considerar a linguagem como um tipo de atividade de comunicação, social em origem e natureza...”. Esta atividade comunicativa satisfaz as necessidades individuais e comuns dos membros de determinado grupo social.

Pierre Guiraud (1989) ordena os problemas semânticos da comunicação em psicológico, lógico e lingüístico. Para o autor de “La Semantique” não basta apenas comunicarmos, mas, antes, porque comunicamos o que passa no nosso espírito e no do interlocutor, quais as relações dos signos com a realidade, em que condições será um signo aplicável a um objeto ou a uma situação e, finalmente, o sistema, suas regras específicas referentes à sua natureza e à sua função.

Não pretendemos fazer abordagem de ordem psicológica, entretanto não abandonamos o problema, antes o abraçamos, uma vez que está comprometida com a questão social, regional e cultural.

Por fim, acreditamos que podemos chegar a algumas verificações significativas: primeiro, precisamos conscientizar àqueles que se dedicam aos estudos literários, de que Literatura de Cordel não se resume num amontoado de versos - na maioria das vezes sem rima e

sem métrica – que contam algum fato ou historia alguma coisa. É antes um gênero literário com características próprias. Segundo, que introduz um sema a mais no processo lingüístico dessa linguagem cordelina, isto é, uma significação própria, particularizada. Utiliza-se de Símbolos Naturais, mais do que quaisquer outros gêneros até aqui estudados. Por exemplo, em Juvenal e o Dragão, o signo Dragão é símbolo do mau, da inimizade e da contradição, pois foi ele que tentou desviar a “felicidade” reservada para Juvenal. E outros inúmeros exemplos.

É sobretudo o caráter inovador desta e de outras produções que vai oferecer subsídios para futuros estudos a respeito do fenômeno da literatura popular em versos no Brasil.

Referências Bibliográficas

BAGNO, Marcos. Preconceito Lingüístico. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

CÂNDIDO, Antônio. A Personagem de Ficção. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CURRAN, História do Brasil em Cordel. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

GUIRAUD, Pierre. A Semântica. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

MORRIS, Charles W. Fundamentos da Teoria dos Signos. Rio de Janeiro: Eldorado, 1976.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. A Ideologia de Cordel. 2. ed. Rio de Janeiro: Brasília, 1977.

SODRÉ, Nelson Wemeck. Síntese de História da Cultura Brasileira. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.